

Os impactos do trabalho remoto entre os docentes do magistério superior do nordeste brasileiro¹

Alessa Cristina Pereira de Souza (UFPB/PB)
Anne Gabriele Lima Sousa de Carvalho (UFOB/BA)

RESUMO

Este trabalho busca apresentar os resultados preliminares de uma pesquisa que tem como objetivo analisar os principais impactos do trabalho remoto, adotado durante os dois primeiros anos da pandemia de COVID-19, nas vidas dos/as docentes do magistério superior da região nordeste do Brasil. A análise se constrói a partir da apreensão de suas experiências em relação à pandemia, da avaliação que fazem do trabalho remoto, da compreensão das mudanças em suas rotinas de trabalho, bem como dos impactos dessas questões sobre suas emoções e saúde e das perspectivas que apresentam com relação ao momento de transição para o retorno às atividades presenciais. O trabalho é subsidiado pelo desenvolvimento de um levantamento, cuja coleta de dados contou com um formulário digital disposto na plataforma "Google Forms", entre os meses de abril e maio de 2022, através do qual foram alcançadas 799 respostas. Os resultados parciais da pesquisa indicam que para a maioria dos/as respondentes houve aumento no tempo de dedicação às atividades acadêmicas durante o trabalho remoto, o que acarretou em uma precarização do trabalho docente, além do prejuízo em diferentes dimensões de suas vidas pessoais, como a familiar e a saúde física e psíquico-emocional. As respostas subjetivas apresentadas pelos/as respondentes indicam a vivência de sofrimentos intensos ao longo dos dois últimos anos, o que tende a gerar desafios para as instituições, com vistas a promover o acolhimento necessário à readaptação das atividades após um período permeado por medos, perdas, mudanças e pressões diversas.

PALAVRAS-CHAVE: Trabalho remoto. Docentes. Impactos emocionais.

¹ Trabalho apresentado na 33ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.

SITUANDO O LEITOR

Este trabalho busca apresentar os resultados parciais de uma pesquisa que tem como objetivo analisar os principais impactos do trabalho remoto, adotado durante os dois primeiros anos da pandemia de COVID-19, nas vidas dos/as docentes do magistério superior da região nordeste do Brasil.

Em 11 de março de 2020 a Organização Mundial de Saúde (OMS) declarou que o mundo estava vivendo uma pandemia² provocada pelo novo coronavírus (SARS-COV-2), causador da doença COVID-19, emitindo um alerta para que todos os países tratassem adequadamente o problema e adotassem medidas para conter a sua disseminação.

Em outubro do mesmo ano a COVID-19 passou a ser considerada como sindemia, uma combinação das palavras sinergia e pandemia, referindo-se a um contexto onde duas ou mais doenças interagem de tal forma que causam danos maiores do que a simples soma dessas doenças. Esse reconhecimento considera também que além de poder ser agravada por doenças pré-existentes, a COVID-19 sofre e produz impactos das e nas condições sociais e ambientais (SOUZA e CARVALHO, 2021).

Uma das primeiras e principais medidas adotadas mundialmente para impedir a disseminação do vírus foi o distanciamento/isolamento social, que modificou rotinas individuais e coletivas, e provocou efeitos sobre as diferentes esferas da vida: biológica, econômica, política, social, cultural e emocional.

A adesão ao protocolo de distanciamento social como medida de controle da disseminação do novo coronavírus levou à interferência sobre o funcionamento de diferentes setores, desde os primeiros meses da pandemia.

As atividades presenciais nas Instituições de Ensino Superior – IES - estão entre as atividades que foram suspensas a partir dessa adesão. As atividades de pesquisa, extensão e gestão foram adaptadas para a realização por meio das tecnologias da informação e da comunicação e as atividades de ensino foram paulatinamente reestruturadas ao modelo de ensino remoto emergencial (HODGES, 2020), contando também com a utilização dessas tecnologias. Essa reestruturação se deu em meio a um

2 Segundo a OMS, pandemia é a disseminação mundial de uma nova doença; o termo passa a ser usado quando uma epidemia, surto que afeta uma região, se espalha por diferentes continentes com transmissão sustentada de pessoa para pessoa.

conjunto de debates e de resistências diversas, tendo em vista as desigualdades de acesso a esses recursos e as condições de participação dos indivíduos nessas atividades, em meio às inúmeras tensões às quais passaram a ficar submersas nesse cenário de crise.

Em meio a muita discussão frente a adoção do trabalho remoto nas IES, em abril de 2020 iniciamos uma pesquisa que propunha compreender os impactos do distanciamento social no cotidiano dos/as integrantes das comunidades universitárias do nordeste brasileiro.

Naquele momento, as respostas refletiam o momento vivenciado pela sociedade de modo geral: medo da contaminação pelo vírus e do colapso do sistema de saúde, insegurança com relação à falta de consenso médico acerca dos protocolos de tratamento da doença, frustração pelas mudanças que o contexto impôs ao cotidiano e às incertezas com relação aos desdobramentos futuros; e pela comunidade universitária de forma mais específica: insegurança com relação a viabilidade do desenvolvimento das atividades, a interrupção ou modificação dos projetos em andamento, a possibilidade de cortes de financiamentos ou de auxílios, a dificuldade na conciliação das obrigações acadêmicas e familiares, entre muitas outras. Além disso, entre as comunidades universitárias inseridas em regiões mais precárias, onde a maior parte dos seus integrantes é oriunda de realidades com inúmeras carências materiais, como no nordeste brasileiro, a pandemia tornou as condições de vulnerabilidade ainda mais explícitas.

Hoje, mais de dois anos após aquele momento caótico e desesperador do início da pandemia³ -, onde não havia certeza com relação a nada, nem a própria sobrevivência da espécie humana, - com um histórico de mais de 680.000 mortes no país e cerca de 6,5 milhões de mortes no mundo decorrentes da COVID-19, mas com a pandemia relativamente controlada a partir do desenvolvimento e da aplicação de vacinas⁴ na maior parte da população, vivencia-se um momento de flexibilização dos protocolos de segurança, incluindo o distanciamento social e a retomada das atividades presenciais.

Mas o trabalho remoto, que perdurou nas Instituições de Ensino Superior por cerca de dois anos, invadindo as nossas casas, atravessando o nosso cotidiano e modificando toda a nossa rotina, parece ter deixado marcas e consequências que perdurarão por muito tempo.

³ Este texto está sendo escrito em agosto de 2022.

⁴ As vacinas começaram a ser aplicadas no Brasil em janeiro de 2021 e, paulatinamente, a vacinação foi sendo ampliada até ser oferecida a praticamente todos os grupos populacionais, inclusive com doses de reforço.

Considerando-se esse cenário, em abril de 2022 iniciamos uma segunda etapa da pesquisa, dando continuidade àquela proposta em 2020, desta vez com o objetivo de compreender como os/as docentes do magistério superior da região nordeste do Brasil percebem e relatam os principais impactos do trabalho remoto adotado durante os dois primeiros anos da pandemia de COVID-19. A análise se constrói a partir da apreensão de suas experiências em relação à pandemia, da avaliação que fazem do trabalho remoto, da compreensão das mudanças em suas rotinas de trabalho, bem como dos impactos dessas questões sobre suas emoções e saúde e das perspectivas que apresentam com relação ao momento de transição para o retorno às atividades presenciais.

A escolha da região Nordeste se deu pelo fato de ser uma das regiões mais desiguais e mais afetadas pela pandemia no Brasil⁵, onde as condições de continuidade das atividades acadêmicas através dos meios digitais parecem ter sido ainda mais difíceis, evidenciando mais expressivamente as desigualdades estruturais do cenário no qual esses/as docentes estão inseridos/as (SOUZA e CARVALHO, 2021).

Os dados apresentados ao longo das páginas seguintes tiveram como suporte a realização de uma pesquisa descritiva, que contou com a divulgação de um formulário digital, pela ferramenta Google Forms, entre docentes das Instituições de Ensino Superior públicas e privadas de todos os estados da região nordeste do Brasil entre os meses de abril e maio de 2022, através do qual foram alcançadas 799 respostas.

Entre os/as docentes participantes, 21,7% são da Bahia, 16,5% da Paraíba, 12,9% de Pernambuco, 12% do Ceará, 11,4% do Rio Grande do Norte, 9,9% do Piauí, 8,5% de Alagoas, 4,5% do Maranhão e 2,6% de Sergipe. Mais da metade (54,3%) são da esfera federal, 36,2% da esfera estadual e 9% da esfera privada.

Cerca de 57% das participantes se identificam com o gênero feminino, enquanto 42,7% se identificam com o gênero masculino, com participação insuficiente de pessoas não binárias (0,2%). Mais de um terço dos/as participantes (35%) tem entre 40 e 49 anos, enquanto 27,5% tem entre 50 e 59 anos, 26,9% entre 30 e 39 anos, 8,6% tem 60 anos ou mais e apenas 1,9% tem menos de 30 anos. Dos/as docentes participantes, mais da metade (54,3%) se identificam como brancos, 36,4% se identificam como pardos, 8,6% se identificam como pretos, com participação insuficiente de indígenas (0,4%) e orientais (0,3%).

⁵ Fonte: <https://www.brasildefato.com.br/2020/07/02/periferias-e-pandemia-desigualdades-resistenciais-e-solidariedade>

A maioria dos/as participantes são casados ou estão em união estável (68,8%), enquanto 21,3% são solteiros/as, 8,5% são divorciados/as e 1,4% viúvos/as. No que se refere ao número de filhos, mais de um terço (35%) não tem filhos, 25,5% tem um filho, 28,9% tem dois filhos, 8,6% tem 3 filhos e cerca de 2% tem 4 ou mais filhos. Entre os/as que possuem filhos, mais de um terço (36,9%) tem filhos com 21 anos ou mais, seguidos dos que tem filhos entre 6 e 10 anos (28,4%), 25,3% tem filhos com até 5 anos, 21,9% tem filhos com idade entre 11 e 15 anos e 18,3% tem filhos com idade entre 16 e 20 anos.

Cerca de 46% dos/as respondentes possuem renda mensal de mais de 10 salários mínimos, 41,8% possuem renda entre 5 e 10 salários mínimos, 10% possuem renda entre 3 e 5 salários mínimos e 2,1% possuem renda de até 3 salários mínimos.

Quando questionados sobre já ter tido COVID-19, mais da metade (56,4%) respondeu afirmativamente e 57,2% afirmou ter perdido alguma pessoa próxima em razão da doença.

Observa-se, a partir desses dados, que a maior parte dos/as participantes da pesquisa é do gênero feminino, tem acima de 40 anos, são brancos/as, casados/as ou em união estável, possuem filhos menores de 10 anos, tem renda mensal acima de 5 salários mínimos, já contraíram e já passaram pelo trauma de perderem alguém próximo pela COVID-19. A identificação dessas predominâncias revela-se importante para uma melhor compreensão sobre os dados apresentados ao longo das próximas páginas.

A análise dos dados que fundamentam este artigo se constrói em estreito diálogo com referenciais teóricos e metodológicos dos estudos socioantropológicos atinentes à educação, às atividades acadêmicas, ao trabalho remoto e à saúde mental dos/as docentes durante a pandemia de COVID-19 e nesse momento de atenuação do cenário pandêmico.

Este trabalho está dividido em três seções, seguidas das considerações finais. Na primeira seção são apresentados os impactos do trabalho remoto no cotidiano dos/as docentes a partir da identificação dos pontos positivos e negativos apontados por eles/elas. Posteriormente, discute-se sobre o tempo de dedicação às atividades acadêmicas durante o trabalho remoto, que acarretou uma precarização do trabalho docente, uma diminuição – qualitativa e quantitativa de suas produtividades -, além do prejuízo em diferentes dimensões de suas vidas pessoais. Na terceira seção são discutidos os impactos psíquico-emocionais gerados pelo trabalho remoto. Por fim, são apresentadas as perspectivas dos/as participantes da pesquisa com relação ao retorno das atividades presenciais e ao restabelecimento de uma rotina de “normalidade”.

AVALIAÇÃO DO TRABALHO REMOTO

A adoção do trabalho remoto levou a uma reestruturação nas maneiras dos/as docentes desenvolverem grande parte das atividades acadêmicas e de gestão, demandando uma série de adaptações, buscas por formação e estratégias para a continuidade dessas atividades. Evidenciou-se, com isso, a aceleração de um processo de transformação cultural em curso (CASTELLS, 2013), com a consolidação das tecnologias da informação e comunicação como o caminho possível para a continuidade de grande parte das atividades. Em diferentes áreas de atuação, como o meio acadêmico, o trabalho remoto foi possível graças à adoção dessas tecnologias e das ferramentas a elas associadas, revelando possibilidades e dificuldades diversas.

Ao avaliarem os aspectos positivos e negativos do trabalho remoto, os/as participantes da pesquisa apresentaram algumas percepções significativas para a compreensão da forma como esse modelo impactou seu trabalho.

No que se refere aos aspectos positivos destacados pelos/as docentes, foram sobressaltados, principalmente, a “não necessidade de deslocamento” e “a possibilidade de trabalhar com pessoas de outras localidades”. Alguns depoimentos reforçam essa constatação:

O tempo que era destinado ao deslocamento para o trabalho pude aproveitar para cuidar da casa, das plantas, dos animais e de mim. Muitas atividades que realizamos de forma remota poderiam continuar assim, evitando deslocamentos desnecessários e economizando gasolina, que está muito cara.

A opção de ensino remoto é positiva para boa parte dos alunos por causa da redução do tempo de deslocamento. A divisão entre atividades síncronas e assíncronas também melhor o tempo disponível e permite que eles consultem os materiais adicionais com maior tempo disponível. Seria bom que a opção de algumas disciplinas remotas continuasse existindo, não para todo o curso ser remoto, mas para complementar o curso.

As tecnologias que foram postas em experiência por imposição demonstraram seus efeitos positivos, como a realização de reuniões com a participação de todos/as, independente do lugar, e a aproximação de alunos/as de todos o país (e até de fora dele) em turmas ofertadas na modalidade on-line.

Observa-se que o melhor aproveitamento de tempo, gerado pela ausência de deslocamento para a realização das atividades, a partir da utilização de plataformas digitais, apresenta-se como uma potencialidade sobressaltada pelos/as docentes, viabilizando a realização de outras atividades durante aquele período. A possibilidade de

participar de reuniões, bancas, congressos online, e, com isso, aproximar e consolidar parcerias de trabalho com pessoas de outras localidades também constitui uma realidade bem recepcionada pelos docentes.

Muitos/as docentes também ressaltaram outros aspectos positivos relacionados ao trabalho remoto, como a aprendizagem de outras ferramentas e a importância da incorporação das tecnologias da informação e comunicação em suas rotinas de trabalho. Neste sentido, os interlocutores destacaram:

A única vantagem relevante do Ensino Remoto Emergencial, nestes dois anos de pandemia, a meu ver, foi forçar a aprendizagem das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação.

Mesmo, não tendo contato direto na extensão, algumas ações tiveram maior alcance, a partir dos canais do Youtube, Instagram, Facebook, participação em eventos e banca em outros estados e até outros países. Peso que o ensino, a pesquisa e extensão utilizando a tecnologia, veio para ficar e podemos dar qualidade a estas ações.

Percebo que no início das aulas remotas precisamos nos reinventar e reinventar nossas aulas, o que de certa forma foi positivo, pois muitos saíram da zona de conforto e repensaram suas disciplinas, atualizando e modernizando em muitos casos, principalmente no que diz respeito à metodologia.

Nota-se, a partir desses depoimentos, que a necessária adoção das tecnologias da informação e da comunicação para o desenvolvimento do trabalho remoto, ainda que tenha ocorrido de forma brusca e forçada pelo cenário pandêmico (SILVA, BATISTA e TROTTA, 2020), foi recepcionada pelos docentes como uma potencialidade relacionada ao período, pois exigiu uma aprendizagem importante para o desempenho profissional e que, em termos ordinários, não seria priorizada por grande parte dos docentes.

Já com relação aos pontos mais negativos do trabalho remoto, os/as participantes da pesquisa destacaram, principalmente, a “falta de interações presenciais” como aspecto mais crítico. Sobre isso, os interlocutores afirmaram:

A dificuldade em motivar a participação dos alunos durante as atividades: poucos interagem com o docente. A maioria nem dá bom dia, ou até logo, infelizmente. E dificilmente abrem a câmera”

Minha maior dificuldade foi nos momentos síncronos por não ver o rosto do aluno e muitas vezes, a voz. Alegavam problemas com o microfone, com a câmera.

Falaria da frustração quanto a interação com os alunos. Mesmo fazendo todos os esforços eles não são capazes de desejar um bom dia ou boa tarde. Muitos logam na aula e somem. É frustrante.

Por muitas vezes senti que estava em um monólogo e, mesmo sendo considerado um docente com boa avaliação por parte dos discentes e tendo utilizado várias estratégias para estimular a participação dos alunos, não havia feedback adequado nos momentos síncronos.

O trabalho remoto fez com que o espaço privado da casa fosse invadido pelo mundo exterior e convertido em um espaço voltado para a esfera pública. Segundo Carlos (2020), a pandemia revoluciona a forma de viver e de utilização do espaço-tempo, demandando adaptações muitas vezes difíceis de se realizar sem gerar conflitos. No caso dos/as docentes, estes/as se vêem obrigados/as a abrirem espaços, antes íntimos e de privacidade familiar, para câmeras e microfones, enquanto os/as discentes, sem a mesma obrigatoriedade, muitas vezes (por impossibilidade, insegurança, desmotivação ou vontade) não interagem via câmera e/ou áudio, levando a prejuízos no desenvolvimento das aulas, visto que sem o contato visual e sem verbalização das dificuldades, os/as docentes muitas vezes não encontram o termômetro adequado para avaliar o aproveitamento das aulas pelos estudantes. A exposição unilateral, sem interação recíproca, pode ser responsável por inseguranças e transtornos diversos.

Por outro lado, muitos docentes também destacaram a falta de estrutura/apoio institucional para o desenvolvimento das atividades durante o trabalho remoto. Alguns depoimentos evidenciam essa insatisfação:

Creio que o pretense apoio das instituições de ensino aos estudantes, professores e técnicos precisa ser questionado. Notei diversas mensagens falando neste tal apoio (técnico, financeiro, psicológico), mas nunca as observei na prática.

Ausência de assistência e acompanhamento por parte da gestão superior da IES em que atuo.

No ensino remoto os professores tiveram que arcar com custos de equipamentos, internet e energia para trabalhar em casa sem nenhum apoio financeiro extra para tal modalidade.

O ensino remoto sobrecarregou o professor. Enquanto nos cursos EaD existe toda uma infraestrutura, planejamento e suporte para o andamento do curso, no ensino remoto o professor ficou com todas as funções: design instrucional, gerente de plataforma, tutor, professor conteudista e professor das disciplinas. Além disso, por permanecer em casa, houve a necessidade de melhoria na internet própria, compra de equipamentos, exposição de sua intimidade e dificuldade de conciliar o tempo pessoal/profissional, e mesmo assim para a sociedade em geral é como se os professores não estivessem trabalhando de verdade por estar em home office. Para o curso houve um aumento absurdo da evasão, os alunos não interagem pelas plataformas (por falta de vontade ou falta de equipamentos) e a sensação de que este não é o curso "de verdade".

O professor universitário foi muito sobrecarregado de trabalho, muitas vezes sem ocorrer a orientação e o preparo do pessoal por parte da gestão administrativa. Outro ponto negativo foi o fato de diminuir muito o aproveitamento das aulas e conteúdos. E tudo isso, ocorrendo com a gestão "pressionando" para fazer vistas grossas à ausência dos alunos, às notas e a questão da internet ruim (chips que foram ofertados aos alunos) para o desenvolvimento das aulas por meio de plataformas pesadas cujos dados móveis não suportavam.

Observa-se pelos depoimentos que, apesar da demanda docente por formação e por infraestrutura adequada para o acesso e manejo efetivo das ferramentas necessárias para a operacionalização das atividades (SILVA, BATISTA e TROTTA, 2020), não houve, por parte de grande parte das instituições, a atenção necessária para a preparação estrutural e técnica do corpo docente para atenderem as necessidades produzidas pelo cenário. Deste modo, além da administração da complexidade do contexto pandêmico, os docentes também foram levados a assumir sozinhos a responsabilidade pela preparação e pela estrutura necessária ao desenvolvimento das atividades, gerando sobrecarga material, física e mental.

Evidencia-se, com isso, a necessidade de discutir a responsabilidade das instituições no que se refere à valorização da qualidade das atividades, com o investimento necessário para isso, sem que essa responsabilidade recaia toda sobre seu corpo docente, produzindo desgastes e dificuldades em diferentes dimensões.

TEMPO DE TRABALHO

A compressão do espaço e do tempo, proporcionada pelas tecnologias da informação e da comunicação (CASTELLS, 2013), teve, na pandemia, sua maior evidência, quando a casa se tornou palco central da vida cotidiana e várias demandas das esferas pública e privada passaram a se invadir no mesmo espaço e ao mesmo tempo, desconstruindo a lógica habitual de organização do tempo, que tinha como referência os dias e aos horários dedicados para o trabalho, para o descanso ou para o lazer.

Considerando-se esse cenário, quando perguntado sobre o tempo de dedicação às atividades acadêmicas durante o trabalho remoto, a maioria (cerca de 80% dos participantes) indicou que durante esse período o tempo de dedicação aumentou, enquanto para a minoria restante o tempo de dedicação às atividades acadêmicas não foi alterado (12%) ou diminuiu (8%) no trabalho remoto.

Para a maioria dos/as participantes, para os/as quais o tempo de dedicação às atividades acadêmicas aumentou no trabalho remoto, o principal motivo elencado se deve ao “maior volume de trabalho assumido”, seguido do “atravessamento entre demandas pessoais e profissionais”. Neste sentido, os depoimentos a seguir atestam essas dificuldades:

O mais difícil pra mim foi conciliar cuidar de minha filha de 4 anos (em 2020) e fazer as aulas e atividades remotas com ela durante o tempo de horário útil (todas as tardes, ao invés de trabalhar eu tinha de acompanhar as aulas dela), além da nova rotina de fazer almoço todos os dias e outras tarefas da casa. Tb, a crise conjugal se agravou durante a pandemia e tive que aguentar situações com meu marido, de violência psicológica, muito pesadas que me abalavam emocionalmente e impactavam ainda mais na minha produção acadêmica, no meu rendimento e criatividade no trabalho. Foi muito difícil. Ter de aprender as novas tecnologias e metodologias de ensino foram tb um desafio para mim, uma pressão e angústia muito grandes em 2020, que mexeram com meus brios de professora e me causaram muito sofrimento emocional e psicológico. Mas depois, eu me adaptei e segui em frente.

Acredito que o principal grupo acometido seja o de docentes mulheres com filhos pequenos. Pois, ao trabalhar em casa durante a pandemia fica difícil a compreensão das crianças sobre o direcionamento da mãe ao seu trabalho em um cômodo da casa. Muitas vezes meus alunos foram surpreendidos pelos meus filhos me chamando ou perguntando sobre algo. Ainda tem o fato de meu filho de 5 anos está em aula on-line, ou seja, sem maturidade de assistir sozinho, logo é mais uma tarefa para quem está em casa. Sem contar os afazeres domésticos. Trabalhar em casa durante a pandemia é bem esgotante. Se fosse apenas o trabalho docente em sim, seria mais fácil executar. Porém, junto temos outras atividades (cuidar de casa, filho, da nova rotina de contenção para não ser contaminado pelo vírus e tudo sem esquecer de si mesma) que somados ao trabalho docente acumulam muitas atividades.

O meu maior problema durante o trabalho remoto foi ter que ficar acompanhando a minha filha (5-7 anos durante a pandemia) nas aulas online. Ela não se adaptou. Tive alunos que também não se adaptaram. Depois que as aulas das escolas de ensino particulares voltaram presencial e eu e o marido já estávamos com as duas doses, relaxamos mais e a filha foi para aula presencial. Então consegui me concentrar e voltei a produzir no trabalho.

É difícil conciliar as atividades de casa, filhos e trabalhos, mas com o retorno das atividades escolares dos meus filhos facilitou muito minha vida. Os dois anos de pandemia não foram iguais, no início foi bem difícil. Além do medo da doença, houve o acúmulo de tarefas, principalmente para uma mãe solo de filhos pequenos. Mas após o retorno das atividades escolares dos meus pequenos, um pouco do retorno da vida social de antes, o lado psicológico melhorou consideravelmente. Contudo, a parte de ensino perdeu muito a qualidade, me sinto extremamente desmotivada em dar aulas de forma remota. A parte de pesquisa está melhorando com a melhora da situação, mas ainda não flui como antes.

O aspecto que se tornou cansativo foi o acúmulo das atividades doméstica com as atividades remotas, houve uma sobrecarga de trabalho.

Percebe-se, a partir dos relatos, que as condições geradas pela pandemia dificultam a separação entre os dias dedicados ao trabalho e a outras atividades, pois, muitas vezes, o trabalho adentra os horários e os dias originalmente dedicados a outras esferas da vida, levando à ampliação da jornada de trabalho e a sua consequente precarização (INSFRAM e MUNIZ, 2020). Produz-se, desta forma, o que Greenhaus e Beutell (1985) consideram como um verdadeiro e complexo choque entre trabalho e família, permeado por interferências mútuas, onde o atendimento a um conjunto de expectativas impacta no outro, gerando estresse constante.

A sobrecarga de atividades domésticas e acadêmicas, realizadas no mesmo espaço e muitas vezes ao mesmo tempo, frequentemente localiza esses indivíduos como agentes de uma “sociedade do cansaço” que, conforme aponta Han (2017), impõe múltiplas tarefas para o indivíduo, gerando sofrimento e exaustão. Considerando-se esses aspectos, na próxima seção refletir-se-á sobre os impactos do trabalho remoto sobre a vida socioemocional dos/as participantes da pesquisa.

IMPACTOS SOBRE AS EMOÇÕES E A SAÚDE MENTAL

O aumento no tempo de dedicação às atividades acadêmicas durante o trabalho remoto e a precarização do trabalho e da qualidade de vida decorrentes disso, tem sido responsável por produzir prejuízos em diferentes dimensões da vida pessoal dos/as docentes, como a familiar e a saúde física e psíquico-emocional.

As incertezas e as mudanças produzidas durante esses dois anos de pandemia e trabalho remoto convergem para que os estados emocionais de exaustão, angústia e medo, sejam aqueles que mais apareçam nas respostas dos docentes participantes da pesquisa, quando questionados sobre quais emoções melhor representam a experiência/vivência nesse período.

Neste trabalho, as emoções são compreendidas a partir do entrelaçamento entre um conjunto de significações subjetivas, ancorado em condições objetivas de vida. A compreensão das emoções como manifestações das condições adversas suscitadas pela situação pandêmica encontra suporte na ideia de que as emoções são constituídas pela relação entre os indivíduos, seu meio social e sua cultura (KOURY, 2009). Nesta direção, considera-se que experiências emocionais individuais estão ancoradas em condições objetivas que dão suporte a essas experiências. Reconhece-se, deste modo, que o contexto no qual os indivíduos estão imersos condiciona vivências emocionais específicas.

As condições adversas que têm permeado a vida cotidiana dos/as docentes das Instituições de Ensino Superior, nesse momento, levam à manifestação de tensões emocionais diversas, grande parte relacionadas às inseguranças que o momento enseja.

Os indivíduos, conforme destaca Le Breton (2019), são constantemente afetados pelos acontecimentos e esses impactos fazem a mediação da sua relação com o mundo. Nesta direção, as emoções apontadas pelos/as docentes na pesquisa indicam sofrimentos diversos com relação ao que é observado no momento pandêmico, que geram inseguranças com relação ao futuro.

Desde o início da pandemia acendeu-se o alerta com relação aos possíveis riscos de pessoas saudáveis serem acometidas por problemas mentais, bem como para a intensificação dos sintomas entre aquelas que já apresentavam transtornos pré-existentes, devido aos altos níveis de estresse, às mudanças e adaptações relacionados a esse momento de crise (Ornell et al, 2020). O posicionamento da Fundação Oswaldo Cruz – Fiocruz (2020), logo nos primeiros meses de pandemia, previa que o cenário poderia causar sofrimento mental entre cerca de um terço até metade da população brasileira⁶, agravando condições psíquicas já existentes.

No caso específico dos/as docentes, a crise instaurada pela pandemia e as mudanças decorrentes dela, agravaram um quadro que já vinha sendo evidenciado no Brasil. Relatos de ansiedade, depressão e outros problemas relacionados a saúde mental eram recorrentes entre esses profissionais antes do início da pandemia e estão relacionados à desvalorização e ao ataque da educação, seus profissionais e suas instituições (SOARES; MAFRA; FARIA, 2019).

Desde 1983 a Organização Internacional do Trabalho (OIT) destaca que a classe docente é a segunda maior categoria profissional acometida por doenças de caráter ocupacional, em nível mundial (PEREIRA; SANTOS; MANENTI, 2020).

A angústia e o medo frente ao cenário de pandemia, e a adesão ao ensino remoto emergencial, somados ao agravamento do quadro de desvalorização e precarização da educação e do trabalho docente, impactaram de forma significativa a saúde mental dos professores e das professoras elevando os índices de exaustão e adoecimento desses

⁶ Considerando a possibilidade de agravamento dos transtornos gerados por essas condições adversas, a Fiocruz (2020a) lançou uma cartilha com recomendações gerais sobre atenção psicossocial na pandemia da COVID-19.

profissionais, como apontam várias pesquisas, a exemplo do estudo desenvolvido por Dias et.al. (2021).

As mudanças que precisaram ser realizadas para a instauração do ensino remoto exigiram, conforme apontado nas páginas anteriores, uma reinvenção e adaptação docente de forma abrupta, não considerando as condições físicas, psíquicas, estruturais, trabalhistas e nem a formação/preparação desses profissionais para esse novo modelo de trabalho, como apontam Pereira, Santos e Manenti (2020). A Organização Mundial de Saúde (OMS) também reforçou que houve um aumento dos relatos de ansiedade e estresse entre profissionais de diversas áreas de ensino, nos dois últimos anos (SILVA, BATISTA, TROTTA, 2020).

Em se tratando dos/as docentes de ensino superior, há de se considerar que muitos deles além de desenvolverem as atividades de ensino, pesquisa e extensão, também ocupam cargos administrativos e de gestão, acumulando funções diversas que necessitaram de adaptações específicas. Estes profissionais, que muitas vezes já trabalhavam com sobrecarga e levavam trabalho para casa, tiveram um aumento nas demandas de trabalho, comprometendo todas as outras atividades pessoais, o que acarretou em um aumento dos níveis de cansaço e adoecimento (BISPO, 2022).

Na pesquisa que embasa esse artigo, quando questionados/as acerca dos impactos do trabalho remoto sobre sua saúde física e psíquico-emocional, os/as docentes universitários destacaram, principalmente, o esgotamento físico e mental, além do estresse. Na sequência, percebe-se a prevalência de respostas que reafirmam esse esgotamento físico e mental, a partir da dificuldade de manter um sono equilibrado e saudável e do desenvolvimento de transtornos psíquico-emocionais (depressão, ansiedade, pânico, etc.). Os relatos que seguem mostram esses impactos de forma mais específica: *“A pandemia potencializou meus problemas emocionais”*; *“Estou afastada devido desenvolvimento de Síndrome de Burnout⁷ relacionada ao trabalho”*; *“Dificuldade para separar mentalmente o físico do virtual. Um Exemplo: recebi 1 livro em PDF e acordei na madrugada procurando o livro físico”*.

Como já mencionado, o trabalho remoto implementado de forma abrupta nas Instituições de Ensino Superior impactou diretamente a saúde mental dos/as docentes,

⁷ Síndrome de Burnout ou Síndrome do Esgotamento Profissional é um distúrbio emocional com sintomas de exaustão extrema, estresse e esgotamento físico resultante de situações de trabalho desgastantes. A principal causa da doença é o excesso de trabalho, a competitividade e a responsabilidade excessiva.

fazendo surgir ou agravando transtornos psíquicos e emocionais que precisam ser observados para que o sistema educacional brasileiro não atinja um estado de colapso. Segundo um/a participante da pesquisa:

Tivemos nossos lares invadidos, nossos horários alongados, nossa saúde mental comprometida, em contrapartida recebemos termos como preguiçosos, não querem trabalhar, trabalho remoto é vida boa. Quando quem viveu está esgotado.

Pelo exposto, percebe-se que o trabalho remoto, ao impor uma nova rotina/organização do trabalho aos/às docentes, dirimindo a barreira existente entre a esfera pública e privada e forçando improvisações de diversas ordens, impactou expressivamente a saúde física e mental docente, como apontado também em outros estudos realizados nesse período (DIAS et al., 2021; PEREIRA, SANTOS, MANENTI, 2021; SILVA, BATISTA, TROTTA, 2020).

Nesse sentido, deveria ter existido um acompanhamento direto e responsável por parte das instituições, no que diz respeito ao planejamento, organização e operacionalização do ensino remoto, visando uma melhor adaptação dos/as docentes a esse novo e necessário modelo de trabalho, bem como identificando e trabalhando possíveis sofrimentos psíquicos e emocionais. No entanto, conforme se observa, as instituições não tiveram cuidado e sensibilidade suficiente, cobrando dos/as docentes uma produtividade ainda maior, gerando um ambiente de tensão, medo e angústia, sem considerar o contexto vivenciado.

A pandemia e o trabalho remoto se somaram às fragilidades já existentes na educação, agravando as questões que rondam os/as docentes há muitos anos e agravando ainda mais o estado de adoecimento dessa classe profissional.

As respostas transcritas abaixo ilustram essa discussão:

A instituição diminuiu salário, aumentou as horas trabalhadas de forma indireta, cobranças inadequadas, assédio moral, exploração dos professores. Não por ser remoto, mas pela desculpa da gestão em ter pouco dinheiro e o que se vê que não foi bem assim. Resultado de várias demissões, pedidos de demissão e Burnout. Eu estou com Burnout e tenho medo de dizer na instituição, para não perder meu emprego. Solicitações de trabalhos em cima da hora, domingos, feriados, etc. Fazer o professor trabalhar nas férias, entre tantas outras coisas. O professor infelizmente ainda se sente culpado por não ter tempo de fazer tudo que é cobrado. Cada vez mais ele é usado e visto como uma máquina. Um desgosto e total desrespeito.

No colegiado em que trabalho fizemos uma abordagem sobre cuidado de si, em parceria com o setor de psicologia do campus, direcionado aos discentes, em função de dois casos de tentativa de suicídio. Lidar com público de

discentes que manifestava muitas vezes um prejuízo de sua saúde mental foi constante e apesar de sinalizado em diversas ocasiões, a instituição não abriu diálogo acerca da saúde mental dos docentes.

Essa discussão reacende o alerta acerca da importância do cuidado com a saúde mental dos profissionais da educação, nesse caso específico dos/as docentes do ensino superior, principalmente nesse momento de retorno total das atividades presenciais, como coloca um/a dos/as respondentes da pesquisa “*para o retorno presencial precisamos de tempo de adaptação e acompanhamento da saúde mental*”. Esses profissionais, que já viviam uma situação preocupante antes da pandemia, estão ainda mais fragilizados a partir das mudanças, vivências e imposições advindas do cenário instaurado pelo trabalho remoto durante os dois anos pandêmicos. Nesse momento, faz-se necessário estratégias de acolhimento para que a situação não se torne insustentável (KAPPES et al., 2021).

Esse cuidado, tão necessário no momento atual, pode ser percebido quando questionamos os/as docentes sobre como eles se sentem quanto ao controle da pandemia em 2022 e ao retorno das atividades integralmente presenciais. As respostas demonstram que, embora mais da metade dos/as respondentes afirme estar otimista, quase um terço diz ainda estar inseguro. Os depoimentos abaixo refletem essa insegurança:

Detesto ensino remoto, mas também não gostaria de voltar agora ao presencial. É terrível dar aula de máscara. É muita angústia diante das incertezas do comportamento do vírus, da real cobertura da vacina com as novas variantes, ao mesmo tempo fico ansiosa pelos estudantes que nunca pisaram em um campus e já estão quase no meio do curso. Muita ansiedade. Também passei a beber mais durante a pandemia, e a pedir delivery, coisa que antes não acontecia. Perdi o tempo para cozinhar, mesmo estando integralmente em casa.

Não acredito que seja o momento ideal para flexibilização dos cuidados contra o vírus e de retorno total das atividades escolares diante dos novos casos de infectados e mortes no exterior.

As emoções destacadas pelos/as docentes, bem como a intensificação dos quadros de adoecimento mental entre esses profissionais apontam para a urgente necessidade da busca de formas de enfrentamento a esse problema, sob responsabilidade institucional, com vistas à manutenção de um certo equilíbrio individual e social neste momento de (re)construção de um cenário “pós- pandêmico”.

Esses processos remetem à reflexão de Santos (2020), quando afirma que a pandemia acentuou e deu visibilidade a uma série de problemas estruturais produzidos pelo capitalismo, sobressaltando a emergência na proposição de alternativas que

garantam a continuidade das diferentes vidas que o planeta comporta. Nessa direção, o momento de crise desperta para a necessidade de um olhar humanizado em direção àqueles/as que são mais afetados/as pelo contexto, mas também para a reformulação dos modos de vida no capitalismo contemporâneo, visto que expõe suas mazelas e, com isso, incita ressignificações e mudanças de posturas.

O desafio apresentado pela pandemia, de acordo com Xavier (2020, p.33), é “emocional, social e ético, porque essas dimensões estão sendo reposicionadas”. A pandemia exige mudanças, tanto em termos coletivos como individuais, reivindicando a elaboração de significados acerca das desigualdades e das vulnerabilidades que o momento expõe, acerca das possibilidades abertas para a reelaboração dos vínculos sociais e acerca das escolhas entre aquilo que é cotidianamente valorizado e o que realmente importa.

APONTAMENTOS FINAIS

Nas páginas anteriores, apresentamos os resultados preliminares de uma pesquisa que teve como objetivo analisar os principais impactos do trabalho remoto, adotado durante os dois primeiros anos da pandemia de COVID-19, nas vidas dos/as docentes do magistério superior da região nordeste do Brasil.

O trabalho foi subsidiado pelo desenvolvimento de um levantamento, cuja coleta de dados contou com um formulário digital disposto na plataforma "Google Forms", entre os meses de abril e maio de 2022, através do qual foram alcançadas 799 respostas. A análise se construiu a partir da apreensão de suas experiências em relação à pandemia, da avaliação que fazem do trabalho remoto, da compreensão das mudanças em suas rotinas de trabalho, bem como dos impactos dessas questões sobre suas emoções e saúde e das perspectivas que apresentam com relação ao momento de transição para o retorno às atividades presenciais.

Os resultados parciais da pesquisa indicam que para a maioria dos/as respondentes houve aumento no tempo de dedicação às atividades acadêmicas durante o trabalho remoto, o que acarretou em uma precarização do trabalho docente, além do prejuízo em diferentes dimensões de suas vidas pessoais, como a familiar e a saúde física e psíquico-emocional.

Como mencionado, o trabalho remoto demandou uma série de adaptações para que as atividades docentes – ensino, pesquisa, extensão e gestão – pudessem ter

continuidade durante os dois primeiros anos de pandemia. Essas adaptações aconteceram em estreita relação com o processo de consolidação cultural pautado no desenvolvimento das tecnologias de informação e comunicação (CASTELLS, 2013).

Porém, a continuidade das atividades docentes a partir do uso dessas tecnologias impactou tanto positivamente, como negativamente o trabalho e a vida desses profissionais. A “não necessidade de deslocamento” e “a possibilidade de trabalhar com pessoas de outras localidades”, foram fatores destacados como positivos pelos docentes. Por outro, a falta de reciprocidade por parte dos alunos nas aulas online, e por parte da instituição na compreensão do momento extraordinário vivenciado, bem como a necessidade do prolongamento do tempo dedicado ao trabalho, somado a dificuldade de conciliação de tarefas pessoais e profissionais no mesmo espaço (casa), gerou prejuízos incalculáveis nas relações sócio familiares e na qualidade de vida dos/as docentes.

Nesse sentido, têm sido comum o aumento do número de docentes em quadros de adoecimento. Esgotamento físico e mental, além de estresse, apareceram com recorrência nas respostas dos/as participantes e, como consequência, percebe-se muito mais frequentemente professores com depressão, ansiedade, pânico, etc. Esses transtornos psíquico-emocionais, que surgiram ou foram agravados durante o período de trabalho remoto, precisam ser observados para que o sistema educacional brasileiro não atinja um estado de colapso.

Os dados apresentados corroboram com várias outras pesquisas citadas ao longo desse trabalho e apontam para a urgente necessidade da busca de possibilidades de enfrentamento a esse problema de forma institucional, com vistas à manutenção de um certo equilíbrio individual e social neste momento de (re)construção de um cenário “pós-pandêmico”, com a retomada integral das atividades presenciais.

Nesse sentido, as Instituições de Ensino Superior precisam chamar essa responsabilidade para si, elaborar e efetivar políticas e ações envolvendo múltiplas frentes, incluindo capacitação, apoio psicopedagógico, flexibilizações e incentivos que representem possibilidades práticas de permanência e equidade aos/às docentes.

Esses caminhos, embora necessitem ser contextualizados a partir das particularidades locais e individuais, parecem indicar a direção mais profícua para a minimização dos prejuízos nesse momento onde tantas dificuldades são manifestadas, visando uma restituição mais fortalecida das atividades presenciais e a dignidade das pessoas envolvidas.

BIBLIOGRAFIA

BISPO, L. dos P., SANTOS, P. C. M. de A., & SILVA, T. F. A. da . O impacto do Ensino Remoto Emergencial, no contexto da pandemia da COVID-19, na saúde mental dos docentes universitários. *Conjecturas*, 22(4), 92–106. 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.53660/CONJ-720-A04>. Acesso em: 15 de agosto de 2022.

CARLOS, A. F. A. A revolução no cotidiano invadido pela pandemia. In: CARLOS, A. F. A, (coord.). COVID-19 e a crise urbana [recurso eletrônico]. DOI <https://doi.org/10.11606/9786587621036> , São Paulo : FFLCH/USP, 2020.

CASTELLS, M. *A sociedade em rede: a era da informação: economia, sociedade e cultura*. São Paulo: Paz e Terra, 2013.

DIAS MUNIZ, C. F. , et al. Trabalho remoto docente e saúde: repercussões das novas exigências em razão da pandemia da COVID-19. *Trabalho, Educação e Saúde*. 2021. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=406764834017>. Acesso em 15 de agosto de 2022.

FIOCRUZ. Fundação Oswaldo Cruz. Saúde Mental e Atenção Psicossocial na Pandemia. *Covid-19: Recomendações Gerais*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2020.

GREENHAUS, J. e BEUTELL, N. Sources of Conflict between Work and Family Roles. *The Academy of Management Review*, v.10, n. 1, p. 76-88, 1985.

HAN, B-C. *Sociedade do Cansaço*. Petrópolis: Vozes, 2017.

HODGES, C. et. al. The difference between emergency remote teaching and online learning. *EDUCAUSE Review*. 2020. Disponível em: <https://er.educause.edu/articles/2020/3/the-difference-between-emergency-remote-teaching-and-online-learning>. Acesso em 17 de agosto de 2022.

INSFRAN, F. F. N.; MUNIZ, A. G. C. R. Maternagem e COVID-19: desigualdade de gênero sendo reafirmada na pandemia. *Diversitates Int. J.*, vol. 12, n.2, p. 26 – 47, jun./dez. de 2020.

KAPPES, S, et al. Saúde mental de docentes no cenário da pandemia da COVID-19. *Congresso Internacional em Saúde*. v. 8, 2021. Disponível em: <https://publicacoeseventos.unijui.edu.br/index.php/conintsau/article/view/19081/17814> Acesso em: 15 de agosto de 2022.

KOURY, M. *Emoções, sociedade e cultura: a categoria de análise emoções como objeto da sociologia*, Curitiba: CRV, 2009.

LE BRETON, D. *Antropologia das emoções*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

ORNELL, F. et al. "Pandemic fear" and COVID-19: mental health burden and strategies. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, vol. 42, n.3, p. 232-235, 2020. Disponível em: <http://www.bjp.org.br/details/943/en-US/-pandemic-fear--and-covid-19--mental-health-burden-and-strategies#references> (Acesso em: 19.08.2020).

PEREIRA, H. P.; SANTOS, F. V.; MANENTI, M. A. Saúde mental de docentes em tempos de pandemia: os impactos das atividades remotas. *Boletim de conjuntura (BOCA)*. v. 3, n. 9, p. 1-9, 2020.

SANTOS, B. de S. *A cruel pedagogia do vírus*. Coimbra: Edições Almedina, S/A, 2020.

SILVA, P. F. T.; BATISTA, A. A. R.; TROTTA, L. M. Impactos na saúde socioemocional dos educadores durante a pandemia de COVID-19. *Revista Carioca de Ciência, Tecnologia e Educação(online)*. v.5, n. especial, p. 80-82, 2020.

SOARES, M. B.; MAFRA, S. T.; FARIA, E. R. Fatores associados à percepção de estresse em docentes universitários em uma instituição pública federal. *Revista brasileira de medicina do trabalho*, v. 17, p. 90-98, 2019.

SOUZA, A. C. P.; CARVALHO, A.G.L.S. Um olhar sobre as comunidades acadêmicas do nordeste brasileiro: posturas e produtividade no cenário pandêmico. In: SOUZA, A.C.P. de et al. (Org.). *COMPARTILHANDO SABERES: Etnicidade, saúde e produtividade acadêmica em tempos de pandemia*. 1ed. João Pessoa: Editora do CCTA/UFPB, 2021, v. 1, p. 163-183.

XAVIER, A. O grande desafio da pandemia é emocional, ético e social. Entrevista concedida a Luiz Felipe Stevanim. *RADIS*, n. 213, 2020. <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/41754>. Acesso em: 19 de agosto de 2022.